

## Da encruzilhada ao rumo

«Rumos» é o título escolhido por José Oliveira para agasalhar neste livro um conjunto de belas estórias, um título que me agrada e que, creio, soa à mestria de uma longa ponderação. É um título plural, ao mesmo tempo abstracto e concreto, isto é, remetendo simultaneamente para o mistério dos vários caminhos que percorrem as personagens aqui nascidas e para o acto de caminhar *em si*, tão co-natural a nós, humanos, como respirar ou aprender.

Com efeito, «Rumos» é uma pequenina grande maravilha, perdoe-se-me o seu quê de frase feita. Aqui se compilam cinco narrativas, cinco estórias que têm como tecto e como chão a coragem e a carência daqueles que procuraram na emigração o escape para as suas vidas, cinco contos que recordam com actualidade cinematográfica os pormenores da vida de há três ou quatro décadas, vida dos nossos pais e avós, sendo que desse tempo nos vem a sabedoria e a memória do narrador, a familiaridade dos cenários construídos e dos gestos emprestados por duas mãos cheias de figuras, afinal representativas do modo de vida das gentes do Minho e que de alguma forma nos é ainda próxima, pelo menos no tempo.

As estórias são, também elas, designadas de modo plural, havendo o acréscimo de um cunho intimista, senão vejamos: «Encruzilhadas de um sonho», o primeiro conto, seguido de «Sucos de Esperança», «Sombras de um sorriso», «Estória de um Presépio» e «Humus». Entre si partilham, desde logo, um traço humano característico de José Oliveira; partilham a jovialidade, a forma simpática de perspectivar a vida, partilham a convicção optimista de que no cabo de cada *rumo* se encontra e se reequilibra a Ordem que nos traz ligados uns aos outros.

Assim, depois de me ter deleitado, não uma, mas várias vezes, com a leitura destas pequeninas ficções, pude dar-me conta de que, e apesar de ser o primeiro livro do autor, «Rumos» é uma obra das *revisitáveis*, querendo com isto dizer que nenhum leitor se cansará de a ler e, pelo contrário, a ela voltará para descobrir outros ângulos iluminados de beleza e da vida nas personagens aqui plantadas.

Em «Encruzilhadas de um Sonho», primeira ficção, somos postos frente a frente com o drama de Armando, terceiro filho de Aurora e Joaquim, terceiro a tentar uma viagem clandestina para França. A

história decorre no Alto Minho, na aldeia de São Paio, em Melgaço, e transporta-nos como para o interior de um filme, inicialmente para o cenário da aldeia, bela e sucintamente descrito, depois para o tormento de uma mãe nas horas subsequentes à fuga do filho, mãe que se queixa da vida injusta e austera, mãe que se dói da partida e ausência dos filhos — ela dirá para o marido: “... primeiro foi o Pedro, depois o Jorge, ontem o Armando, tudo num ano?! Olha-me *pró* lugar, somos um bando de velhos que *pr’aqui* estamos!”.

A escolha das palavras é meticulosa, roçando não poucas vezes o *poético*, o que imediatamente se vislumbrará, até por ser essa *poeticidade* um dos maiores trunfos da forma de contar de José de Oliveira. Surpreendem-me e delicia-me expressões como “momentos sempre breves e eternos de uma fuga” ou a descrição verdadeiramente notável do pânico de Armando, aquando do ataque dos “carabineiros”: “os joelhos tolhidos pelo zumbido estridente de balas que batiam como ordens de morte nas copas das árvores; gritos de dezenas de goelas aflitas; tropeções e um dia perdido numa mina de água onde homem algum se sentia dono de sua sombra.” Dir-se-á que estas palavras emanam de um saber da vida, de um saber da arte literária, mas também, e talvez sobretudo, da sensibilidade de um homem humanista, de um escritor que acede ao magnífico pincel de um artista plástico.

Importa assinalar que o desfecho da história, mesmo não o desvendando aqui, é um final realista, nem feliz, nem trágico. É o desfecho exacto da vida, despido de falsos heroísmos e de lances teatrais. Armando, a personagem sobre que incidem os olhos do narrador, aprende a lição e como se nada se tivesse passado, termina a aventura de um dia com a maior naturalidade: “Bó! cansado estou, mas é melhor, ninguém tem que adivinhar o que se passou.”

Depois de «Encruzilhadas de um sonho», encontramos «Sucos de Esperança», uma outra narrativa breve, como, aliás, são todas neste livro. Depois de nos ter situado no tempo e de alguma forma no cenário de fundo das suas estórias, o Minho rural dos anos 60 e 70, José Oliveira fala-nos de Tónio Peralta, rapaz sonhador, que pensa partir para França, a ver se lá encontra um meio de “resolver a vida”.

Perguntamos: qual é afinal a *história* desta estória? Sugiro que seja lida não como quem lê uma aventura, mas como quem degusta o esplendor de uma paisagem ou de um trecho musical. «Sucos de Esperança» não fala apenas de Tónio Peralta, personagem que emerge do silêncio apenas na parte final,

mas fala de um quadro rústico, onde a personagem mais autêntica é a vida no campo, onde Artur, Maria e Clara (respectivamente, pai, mãe e filha) trabalham, juntando molhos de centeio, sob o calor sufocante do Verão.

Aqui vemos os gestos laboriosos, o falar simples e rude, a postura digna das pessoas da aldeia, a linguagem que num ou noutro ponto traz consigo algum humor — a esse respeito, leia-se a fala de Artur, o pai impaciente e cheio de sede: “Ó Clarinha, deixa lá a água dos consortes *pra* depois! Vá, mulher, traz mas é água *qu’as* sarugas já parecem pulgas na garganta!”.

Mas não respondi de todo à pergunta que atrás coloquei a mim próprio: «qual é afinal a *história* desta estória?». Precisamente, a entrada de António vem conferir ao espaço de «Sucos de Esperança» movimento e uma acção propriamente dita. Namorado ou noivo de Clara, rapaz pobre, como outros tantos, moço trabalhador, diga-se, Tónio Peralta, aos seus vinte anos, pretende casar e procura uma solução para a falta de recursos materiais. A *história* desta estória é precisamente o universo de pobreza e sonho, a *esperança* que este António personifica e ilustra. A história concentra-se assim em meia dúzia de falas entre ele e a noiva: “... Disse qu’ eu *num* tinha vida *pra* casar com ninguém! Ah! mas vou *prá* França, junto um dinheirinho e casamos logo.”, “Qu’estás a dizer? vais *pr’a* França como?”, “A monte! já falta pouco *pra* ter o dinheiro do passador junto. Olha, até já disse à minha mãe.”, “E ela?”, “Chora ... chora muito!”

Em «Sombras de um Sorriso», a história seguinte, o *leitmotiv* é o regresso dos emigrantes, em Agosto, regresso preso nos olhos deslumbrados dos garotos, cada qual com a sua roda ou pneu de motorizada, mas sobretudo pelo olhar atento e só aparentemente ingénuo do narrador, também ele garoto, também ele participante nas correrias pelos lajedos e na eleição do carro e buzina com “melhor desempenho musical”.

Esta história reconstrui com ironia e humor uma infância de pequenos homens crescidos por força das circunstâncias, lembrando, muito em particular, o encantamento dos miúdos pela presença daqueles que, no estrangeiro, em França, ganharam riqueza e estatuto: “Para nós, crianças, era tudo encantamento e ficávamos até a discutir qual o carro que apresentava o melhor desempenho musical. Não raras vezes,

chegávamos a formar dois partidos...”.

Tal como sucede com as outras histórias, também esta se espraia com relativa brevidade, o que só é possível pela omissão cirúrgica de pormenores pouco importantes e de redundâncias, havendo uma organização e disciplina excepcionais no fio narrativo: em «Rumos» nada é dito ao acaso, economiza-se a informação sem prejuízo do seu entendimento, pois o leitor é munido do estritamente indispensável. O resto (e o resto é o supérfluo) há-de este recuperar por sua livre imaginação.

Contudo, creio dever chamar a atenção para outra importante qualidade literária de «Rumos» e mais especificamente do conto «Sombras de um Sorriso», a estória de que falo. Apercebemo-nos de que há como que duas partes, uma que é a moldura (as peripécias dos garotos de pneu na mão) e uma segunda parte, mais séria, onde se atinge o *verdadeiro lado da questão*, o outro lado, talvez nocturno, da vida dos emigrantes. A técnica é visível nos outros textos, mas aqui evidencia-se como contraponto, ou repetindo a expressão de há pouco, como *verdadeiro lado da questão*. Em «Sombras de um Sorriso», esse *verdadeiro lado da questão* acerca-se, como referi, da vida atribulada, difícil, perigosa mesmo, a que aqueles emigrantes, respeitados e admirados na aldeia, se submetem no estrangeiro. Dois desses emigrantes comentam entre si: “Olha, tu pensa mas é em mudar de trabalho, sei que ganhas bem, mas isso d’ andares feito toupeira *num* é vida. Se quiseres, aqui o amigo João dá um toque ao encarregado!”, “*Eh pá!* Que diferença faz?! Eu ando uns metros abaixo, tu andas uns metros acima, pendurado como um macaco!”, “Deus nos ajude a chegar ao fim, a fazer a nossa vidinha”. Verificamos que a técnica proporciona a aparição subtil de um pensamento, o de que «nem tudo o que reluz é ouro», ou «as aparências iludem».

Por sua vez, em «História de um Presépio», quarto conto e um dos mais belos, há o retrato da época natalícia, nutrindo-se da expectativa de um rapaz, Joãozinho, pela vinda do pai, que lhe há-de trazer de França as figurinhas para o seu presépio.

À semelhança do que sucede nas estórias precedentes, existe nesta uma efabulação singela, marcada pelo vitalismo do *ser*, do *dizer*, do *pensar* da gente aldeã. Existe uma indesmentível graciosidade tanto na descrição, como nos pequenos mas expressivos diálogos. O desfecho de «História de um Presépio» é um trecho muito belo, carregado de simbolismo, precisamente quando Joãozinho, depois de

aconchegadas todas as figuras sobre o musgo, cinza e farinha, pede à mãe uma caixa de *lumes* vazia: “Pra quê? o teu presépio tá muito lindo assim — argumentava a mãe, enquanto, ágil, preparava lenha para a lareira.”, “Pra pôr aqui, ao lado da Torre, a fazer de carro do Senhor Francês. É que se *num* fosse ele *num* tinha presépio nem pai este Natal”.

Por sua vez, delicadamente, José Oliveira reserva a si as linhas finais, não para as sublinhar de uma qualquer moralidade balofa, mas para completar, com palavras eivados de (um mesmo e recorrente) humanismo (e à laia de voz da consciência), o significado da ficção, colocando na última fala da mãe, surpreendida pelo pedido do filho (ao mesmo tempo que se recorda das “caminhadas solitárias do marido até França”), uma espécie de aprendizagem: “Tens aqui Joãozinho! e nova! estou, agora, a ver que no presépio da freguesia está a faltar uma caixa de *lumes*”.

Finalmente, como remate deste livro, encontramos «*Humus*», título grafado pertinentemente em latim. Esta ficção aparece desencaixilhada do contexto antropológico da emigração, alimentando-se ainda assim do mesmo espaço cultural e do mesmo apego às origens, geográficas e familiares do autor.

Aqui dá-se a evocação, quase lírica, do avô e do neto, lado a lado, mestre e aprendiz, partilhando os *rumos* da vida. «*Humus*» é no conjunto das cinco histórias a mais densamente trabalhada, a mais poética, aquela em que a dimensão humana transcende os horizontes imediatos do quotidiano para se colocar na visão afectiva e cronológica daquela geração que passa o testemunho à geração seguinte. Por mim, considero-a sublime.

Dizendo de outro modo, a história mostra-nos o orgulho do iniciado, o entusiasmo do garoto que acompanha o adulto e a quem é concedida finalmente a oportunidade de ser “um homenzinho”: “Como quase sempre, eu seguia meu avô de perto com a vara guarnecida de agulhão, chapéu de palha enfitado de azul, camisa branca esburacada nos sovacos e calça de fazenda a exhibir, orgulhosa, a mestria de um remendo feito por minha mãe. Sentia-me um homenzinho!”. Imperdível é também esta passagem: “Eu, para ele, era apenas uma companhia e um aprendiz de rumos, colhendo dos seus gestos e palavras o encanto, os mistérios da vida e da natureza”.

Mas «*Humus*» é mais do que uma confissão pessoal ou uma mera evocação do avô, na “época da

meia sardinha”. Como em todas as restantes narrativas do livro, cintila nesta última uma expressão bem humorada da vida e da condição universal do Homem que a todos nos afecta e a todos diz respeito. Por isso, não é de admirar que a presença de uma terceira personagem, Júlio, um velho septuagenário, se venha interseccionar no mundo do avô e neto. Nesta terceira personagem, tal como no avô, o narrador, que é uma criança, descobre o sentido da vida que passa, da terra que nos serve e depois se serve de nós. Júlio aparece marcado pela dor e pela perda, perda do tempo, mas sobretudo pela perda de Irene, sua mulher, falecida três anos antes.

Entre o idílio e a velhice, Júlio é um homem com as mãos esgaratando na terra, talvez para procurar nos seus grãos a energia esvaída do corpo, como no mito de Anteu. É o mesmo Júlio que se lamenta com Bernardino: “Sabes uma coisa!?! queria tanto levar comigo aquele pedaço de terra conforme o deixei!”, “*Num* podes”, “Pois não! *tamém* aquela terra é de lá e ali é qu’está bem!”

Qualquer coisa de torguiano se nos depara neste pequeno excerto: presente-se o mesmo vigor da terra, a mesma antecipada dor de ter de se a deixar, o mesmo *húmus* que nos regenera. Lembro-me, a esse propósito, daquele *S. Leonardo de Galafura* no poema conhecido do autor de «Contos da Montanha».

Temos, pois, a percepção de que no enredo simples das cinco estórias aqui aglomeradas, a ordem com que surgem não será accidental, se encontram fundeadas as versões doce e amarga da vida. José Oliveira diseca com perícia e sensibilidade profundas o nosso Homem, não o do Minho (esse também), mas o Homem em sentido lato, fazendo do conjunto das suas estórias um hino aos sentimentos de sempre (*sonho e fracasso, esperança e desalento, amor e saudade, conquista e perda*), deixando neles a sua ironia pessoalíssima e o seu pessoalíssimo humor, fixando entre a poesia e a ficção o seu olhar novo, como é exigível a qualquer novo escritor.

Não poderia terminar sem fazer referência à dedicatória deste livro, uma das mais extraordinárias que li, dedicatória que diz assim: “À Luísa, dádiva dos trilhos da vida/ Aos meus pais e avós, a quem devo as enxertias do amor”. Também não ignorarei as palavras de Altino do Tojal, o grande mestre do conto, o qual encontrou em «Rumos» “... uma ruralidade perdida ou em vias de extinção” afirmando que «Essas páginas contribuem ainda para que os jovens saibam como era a vida dos seus avós — vida rude, embora

não desprovida de encantos», tal como se pode ler na contracapa.

Do mesmo modo, gostaria de me referir aos desenhos de Cacilda Sousa, os quais, surgem num diálogo harmonioso com as palavras de «Rumos», tal a simplicidade e candura que sugestionam.

Em suma, porque é um livro genuinamente belo, porque belas são as suas palavras, personagens e cenários, porque assim nos apetece conhecer estas e outras páginas que virão, suponho que José Oliveira, mais do que o “pneu” que levava a grandes velocidades pelos caminhos da terra natal, há-de levar longe o seu nome, pela porta aberta da escrita, aguardando nós o *muito* que por ela há-de vir!

*Fafe, 1 de Junho de 2004*  
*João Ricardo Lopes*